

Atenção farmacêutica para pessoas surdas: uma revisão bibliográfica

Pharmaceutical care for deaf people: a literature review

Atención farmacéutica para personas sordas: una revisión de la literatura

Recebido: 17/12/2022 | Revisado: 26/12/2022 | Aceitado: 27/12/2022 | Publicado: 01/01/2023

Mauri de Brito Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5027-0979>
Faculdade Integrada Carajás, Brasil
E-mail: mauribritoaraujo1@gmail.com

Natiely Pereira Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-5332>
Faculdade Integrada Carajás, Brasil
E-mail: natielygomes416@gmail.com

Carolinne Oliveira Marquez

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6556-5094>
Faculdade Integrada Carajás, Brasil
E-mail: carolzinhaoliveiramarquez@yahoo.com.br

Resumo

A atenção farmacêutica é um conjunto de medidas promovidas por um farmacêutico em colaboração com outros profissionais de saúde, como provedor responsável de tratamento medicamentoso, alcançar resultados concretos que melhorem a qualidade de vida dos pacientes. O estudo tem como objetivo apresentar a atenção farmacêutica para pessoas surdas, e como desenvolve a comunicação entre eles. Trata-se de uma revisão bibliográfica, onde foram analisadas publicações indexadas em três bases de dados, LILACS, Scielo e Pubmed em português, nos períodos de 2016 a 2022. O resultado da revisão identificou que os farmacêuticos não estão preparados para fazer este tipo de atendimento e as pessoas surdas saem em desvantagem em relação a compra de um medicamento e orientação. A barreira do idioma é um desafio que deve ser superado para que as pessoas surdas recebam as informações necessárias sobre o uso de medicamentos e educação em saúde. Pode-se constatar que existem estudos importantes sobre a oferta e promoção de atendimento médico para surdos, desenvolvidos de acordo com diferentes cenários. Concluiu-se que a percepção dos surdos e dos farmacêuticos traz a falta de comunicação de Libras como o maior entrave para uma assistência integral e humanizada à saúde.

Palavras-chave: Atenção farmacêutica; Libras; Surdez.

Abstract

Pharmaceutical care is a set of measures promoted by a pharmacist in collaboration with other health professionals, as a responsible provider of drug treatment, achieving concrete results that improve the quality of life of patients. The study aims to present pharmaceutical care to deaf people, and how it develops communication between them. This is a bibliographic review, where publications indexed in three databases, LILACS, Scielo and Pubmed in Portuguese, were analyzed from 2016 to 2022. The result of the review identified that pharmacists are not prepared to make this type of care and deaf people are at a disadvantage compared to the purchase of a drug and guidance. The language barrier is a challenge that must be overcome in so that deaf people receive the necessary information about the use of medicines and health education. It can be seen that there are important studies on the offer and promotion of medical care for the deaf, developed according to different scenarios. It was concluded that the perception of deaf people and pharmacists brings Libras lack of communication as the greatest obstacle to comprehensive and humanized health care.

Keywords: Pharmaceutical care; Pounds; Deafness.

Resumen

La atención farmacéutica es un conjunto de medidas promovidas por un farmacéutico en colaboración con otros profesionales sanitarios, como proveedor responsable del tratamiento farmacológico, consiguiendo resultados concretos que mejoren la calidad de vida de los pacientes. El estudio tiene como objetivo presentar la atención farmacéutica a las personas sordas, y cómo se desarrolla la comunicación entre ellos. Se trata de una revisión bibliográfica, donde se analizaron publicaciones indexadas en tres bases de datos, LILACS, Scielo y Pubmed en portugués, de 2016 a 2022. El resultado de la revisión identificó que los farmacéuticos no están preparados para realizar este tipo de atención y las personas sordas están en desventaja en comparación con la compra de un fármaco y la orientación. La barrera del idioma es un reto que hay que superar para que las personas sordas reciban la información necesaria sobre el uso de medicamentos y educación sanitaria. Se puede observar que existen importantes

estudios sobre la oferta y promoción de la atención médica para sordos, desarrollados de acuerdo a diferentes escenarios. Se concluyó que la percepción de las personas sordas y farmacéuticos trae la falta de comunicación de libras como el mayor obstáculo para la atención integral y humanizada de la salud.

Palabras clave: Atención farmacéutica; Libras; Sordera.

1. Introdução

A surdez é uma patologia que acomete uma grande parcela da população brasileira que demanda por atendimentos nas mais diversas áreas e ainda que seja de direito do portador de deficiência ter acesso a serviços de saúde de qualidade, o paciente surdo, por muitas vezes, não é atendido apropriadamente, visto que os serviços de saúde não possuem profissionais capacitados para um atendimento adequado (Baron et al., 2019).

Cerca de 5% da população do país é surda e alguns usam a Libras como auxiliar de comunicação. Segundo o IBGE, esse número representa 10 milhões de pessoas, das quais 2,7 milhões são deficientes auditivos (Brasil, 2022).

Segundo Kaucharje (2017), a concepção da pessoa com deficiência como sujeito de direitos é o seu direito à igual participação, configuração e construção de um espaço social que também é seu. Nesta situação, devido à falta de ajuda aos deficientes, existem surdos que procuram melhorar a sua saúde. Para renovar o pensamento inclusivo e oferecer recursos inclusivos, é preciso perceber a realidade do surdo em seu cuidado à saúde e redefinir seus hábitos.

As farmácias comunitárias são estabelecimentos de saúde, que prestam atendimento as comunidades. No Brasil comercializam medicamentos e outros produtos de necessidades pessoais, segundo as legislações vigentes, prestando atendimento farmacêutico e tornando-se um forte contribuinte no sistema de saúde (França, Andrade, 2021).

A Atenção Farmacêutica é uma prática que vem sendo implantada em várias farmácias comunitárias, ela coloca as necessidades do paciente no foco do atendimento através da atenção farmacêutica com orientações, informando os seus pacientes sobre os serviços de saúde que lhes cabe, tornando-se muito mais eficaz o tratamento por mostrar resultados e conseqüentemente valorizando o farmacêutico que deixa de ser enxergado como apenas um vendedor de medicamento no balcão (Santana et al., 2019).

No tocante ao atendimento com equidade e excelência garantido por lei à todos, o farmacêutico esbarra em uma situação conflitante que requer atenção por meio dos profissionais que ao receber em sua farmácia um pessoa surda ou com dificuldade auditiva torna o atendimento difícil por não haver preparo dos mesmos para esse tipo de situação através de Libras - Língua Brasileira de Sinais, as dificuldades na comunicação durante o atendimento farmacêutico deixa a atenção farmacêutica mais distantes, devido a essa barreira, onde o paciente não se senti incluído na integralidade da assistência (Nóbrega, et al., 2017).

De acordo com o Código de Ética da Profissão do Farmacêutico, o farmacêutico deve atender as pessoas independentemente de classe social, etnia, idade ou deficiência, pois cuidar da saúde é um direito de todos (CFF, 2020). A falha é visível no treinamento de farmacêuticos para fazer seu trabalho de forma abrangente. Desde então, a Língua Brasileira de Sinais (Libra) é a língua oficial do Brasil, utilizada por um segmento da população que enfrenta barreiras à saúde devido ao despreparo dos profissionais. Esse preparo deve ser feito acrescentando a disciplina Libra como parte obrigatória da dinâmica do curso, não só no curso de farmácia, mas em todos os cursos da área da saúde.

Redenção é uma cidade localizada no sul do Pará, onde há um grande número de pessoas surdas que requerem atenção durante o atendimento, e as farmácias locais têm um grande fluxo de pacientes durante todo o dia, incluindo paciente surdos, que precisam ser atendidos, comprar seus medicamentos e tirar dúvidas quanto ao seu uso através da orientação farmacêutica. Assim seria de grande relevância que os farmacêuticos se adequassem para atender os pacientes surdos, em sua língua libras.

Este artigo foi escrito com fins de descobrir através de revisões bibliográficas quais foram as dificuldades dos surdos ao serem atendidos em farmácias e dos farmacêuticos ao atenderem tais pessoas, com o intuito de ajudar os profissionais a verificar suas falhas e dificuldades visando um atendimento de qualidade. Desta forma objetiva-se ressaltar a importância da prática da atenção farmacêutica para pessoas surdas nas farmácias, tornando-se um feito na promoção de saúde e na racionalização ao uso de medicamentos, pois mais pessoas terão acesso a essas informações de extrema relevância.

2. Metodologia

Trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura (RIL), que consiste em um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, onde apresentou a atenção farmacêutica para pessoas surdas / surdos. É um método específico que possui a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisa anteriores de maneira sistemática e ordenada, contribuindo assim, para maior aprofundamento do tema já investigado. Exige dos autores o estabelecimento de hipóteses e conclusões sobre o tema em pauta, sendo um trabalho complexo que se alicerça na proposta de colaboração e integração de diversas disciplinas com o objetivo de identificar práticas baseadas em evidências (Oliveira *et al.*, 2017).

Segundo Sousa *et al.* (2017), a RIL requer a formulação de um problema, a pesquisa de literatura, a avaliação crítica de um conjunto de dados, a análise de dados e, a apresentação dos resultados. Deste modo, permite reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema delimitado ou questão, de forma sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado.

Como estratégia de busca aos artigos científicos foi utilizado como termos descritores: “Atenção Farmacêutica” AND “Libras” AND, “Surdez”.

No caso do foco do problema, a pesquisa é de natureza qualitativa porque, segundo Bauer e Gaskell (2012), a pesquisa qualitativa trata de interpretações de realidades sociais, evitando números. Em um estudo de foco qualitativo, não é o número de assuntos que é considerado importante, mas a profundidade do assunto, a semelhança dos assuntos e a definição clara do objeto de pesquisa, ou seja, não tem ponto de vista, conclusões estatísticas para toda a população (Pereira, 2017).

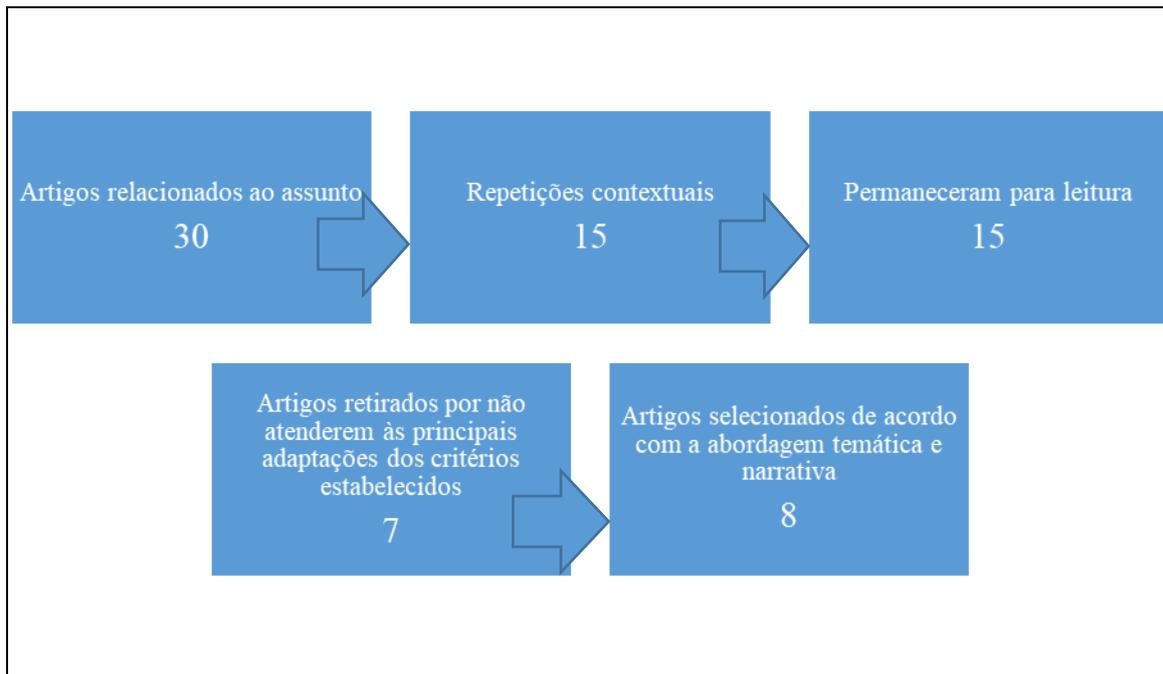
Os autores Mauri e Natiely seguiram as etapas do estudo: leitura, resumos e a seleção dos artigos que mais se adequam ao tema proposto foi feita por meio da organização e extração das referências bibliográficas lidas, conforme mostra a Figura 1.

Os critérios de inclusão foram artigos completos, onde foram analisadas publicações indexadas em três bases de dados, LILACS, Scielo e Pubmed em português, nos períodos de 2016 a 2022, tratando do assunto em questão, totalmente disponíveis online em português, e com propósito relacionado ao tema deste estudo. Os critérios de exclusão foram definidos como publicações duplicadas, artigos fora do período de 2016 a 2022 e inconsistentes com o tema e artigos em outros idiomas.

O material proporcionou esclarecimento sobre a atenção farmacêutica para pessoas surdas e como desenvolve a comunicação entre eles. Este manuscrito não precisou de aprovação do comitê de ética porque é uma revisão bibliográfica que analisa dados publicados anteriormente sem divulgar informações relacionadas a pacientes ou organismos vivos.

Por meio dos métodos definidos no estudo, foram encontrados 30 artigos relacionados ao assunto, dos quais 15 eram repetições contextuais e 15 permaneceram para leitura. Durante a análise, 7 artigos foram retirados por não atenderem às principais adaptações dos critérios estabelecidos, como clareza, objetividade, dados consistentes e atualizados, restando 8 artigos selecionados de acordo com a abordagem temática e narrativa. A Figura 1 mostra de forma transparente todos os métodos de busca dos estudos selecionados para cada revisão.

Figura 1 - Etapas da pesquisa bibliográfica.



Fonte: Autores (2022).

3. Referencial Teórico

3.1 A surdez no Brasil

A Língua de sinais é uma ótima ferramenta que vai facilitar o atendimento desses pacientes, assim como os profissionais de saúde deveriam se capacitar desde sua formação, para estar preparado para prestar um atendimento de qualidade à comunidade surda (Nóbrega, et al., 2017).

No Brasil, as pessoas com deficiência auditiva parcial à severa fazem parte de pelo menos 5% da população, e esta parcela ainda é destituída do direito de acesso a alguns serviços de saúde devido às falhas na comunicação. Há dificuldades de acesso à saúde e educação por parte dos surdos pois estes utilizam uma língua diferente daquela dos ouvintes (Marques, Rodrigues, 2021).

É dever do farmacêutico fornecer informação e orientação a respeito do uso consciente dos medicamentos, durante a dispensação eles põem em prática atenção farmacêutica, pensando no melhor tratamento para os pacientes, orientando quanto ao uso correto, dose adequada, tempo de utilização, finalidade e seus efeitos colaterais, e em caso de agravo do seu quadro clínico encaminhamento para unidade de saúde (Soterio, Santos, 2016).

3.2 Desafio da atenção farmacêutica para pacientes surdos

Atenção farmacêutica é um conjunto de atividades de responsabilidade do farmacêutico que visa sempre o bem estar do paciente, ou para quem faz uso de algum medicamento, seja através da assistência farmacêutica, onde o farmacêutico com toda sua responsabilidade e competência irá realizar a promoção de saúde, prevenção e tratamento de doenças, orientação quanto a uso correto de medicamentos, com foco total na restauração da saúde do paciente (França, Andrade, 2021).

Conforme o Código de Ética da Profissão Farmacêutica, o mesmo deve exercer sua profissão prestando atendimento as pessoas, a todas as classes sociais, etnia, sexo, idade e deficiência, partindo do princípio que a saúde é um direito de todos e dever do estado (CFE, 2020).

Para oferecer um atendimento de qualidade, a comunicação é um caminho primordial na orientação e cuidado farmacêutico, ao atender pacientes surdos se tem a responsabilidade de transmitir as informações dos medicamentos na forma de melhor entendimento para o mesmo rompendo as barreiras linguísticas, com a finalidade de alcançar seus objetivos, orientando pacientes e seus familiares, tendo conhecimento dos seus direitos sobre acessibilidade à estabelecimentos de saúde de forma eficaz (Ferguson, Shan, 2016).

Os farmacêuticos devem ter os usuários dos medicamentos como foco da atenção, e não o medicamento, o cuidado com o paciente que dever ser voltado, em tomar medidas para garantir a farmacoterapia, promovendo a saúde, prevenindo e reabilitando a saúde da comunidade, tendo resultado o uso racional dos medicamentos cumprindo assim seu papel (Soares et al., 2016).

Por isso se dá a importância desses profissionais se capacitarem em aprender a língua de sinais, por meio de cursos preparatório, não apenas para aprender frases, mas sim como presta uma atenção farmacêutica que supra suas necessidades (Chong, et al., 2019).

As dificuldades na comunicação durante o atendimento farmacêutico para com um paciente surdo, deixa a atenção farmacêutica mais distantes, devido essa barreira, o paciente não se sente incluído na integralidade da assistência farmacêutica. A Língua de sinais é uma ótima ferramenta que vai facilitar o atendimento desses pacientes, assim como os profissionais de saúde deveriam se capacitar desde sua formação, para estar preparado para presta um atendimento de qualidade a comunidade surda (Nóbrega, et al., 2017).

Algumas maneiras de se realizarem os atendimentos quando se desconhece a língua dos sinais é pedir para o paciente escrever em um papel sua necessidade, mais em certa altura o atendimento começa a ficar complicado pois existem muitos pacientes que não são alfabetizados. A leitura labial também é uma opção de atendimento para profissionais que atendem pacientes surdos, mais alguns termos não são bem compreendidos podendo gerar dúvidas para os farmacêuticos se seu paciente conseguiu entender as informações passadas quanto a medicação, posologia, horários e a quantidade correta (Hyoguchi et al., 2022).

Muitos farmacêuticos estão conscientes do seu despreparo em relação à prestação da atenção farmacêutica para esses pacientes, devido não conhecerem sua cultura seus hábitos, costumes, direitos e língua. Torna-se necessário se aprofundar na cultura dos surdos, e ver de outra perspectiva as dificuldades que os mesmos encontram no atendimento à saúde (Chong, et al., 2019).

A Língua Brasileira de Sinais é a base da interação da comunidade surda na sociedade. É a língua que possibilita a inserção deste grupo linguisticamente minoritário com as demais pessoas. Nos cursos da área da saúde o ensino de Libras é optativo (Silva, Ribeiro, 2020).

O grande problema da comunicação entre profissionais e pacientes é que os primeiros por não terem conhecimento satisfatório para realizar um atendimento em Libras, apesar de ser uma disciplina curricular optativa oferecida nos cursos de educação e saúde conforme decreto nº 5626, de 2005, infelizmente devido a carga horária reduzida deixa muito a desejar no quesito de atendimentos em estabelecimentos de saúde (Araújo et al., 2019).

Um estudo por Marques e Rodrigues (2021), concluíram que os cursos de Farmácia deveriam adequar-se ao conceito de acessibilidade e integrar a disciplina de libras em suas dinâmicas curriculares para que assim possam formar profissionais que contribuam para o acesso dos indivíduos surdos aos serviços de saúde, principalmente ao Cuidado Farmacêutico.

3.3 Direito dos surdos ao acesso a serviços de saúde

A deficiência auditiva pode ser classificada em dois grupos; congênita, quando já se nasce surdo ou adquirida, posteriormente ao nascimento, devido a fatores genéticos ou alguma patologia adquirida, portando surdo é a pessoa que não

possui audição, tornando-se um empecilho na comunicação e na relação com outros. Sendo ela, surdes leve, moderada, acentuada, severa ou profunda (Aranha, 2016).

Conforme os dados citados são pessoas que estão inclusas na sociedade, e possui seus direitos e deveres, tendo uma grande barreira na comunicação, mesmo possuindo sua língua própria. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é oficializada e reconhecida pela Lei nº10.436 de 2002, garantido um meio de comunicação legal e acesso a serviços públicos de saúde de qualidade. Sendo assim libras é o meio de comunicação utilizada na comunidade surda, e tonou-se um grande avanço para a inclusão desses cidadãos na sociedade, garantido seu direito de se comunicar utilizando a sua língua própria agora oficializada por lei, e a receber atendimento nos estabelecimentos de saúde suprindo suas necessidades (Brasil, 2022).

Em 2005 a Lei nº10.436 de 2002 foi regulamentada pelo decreto Nº 5.626, DE 22 de dezembro de 2005 que no seu capítulo VII garante o direito dos surdos ao acesso a serviços de saúde, no quais podemos citar: Tratamento clínico e atendimento especializado, respeitando as especificidades de cada caso; Atendimento em reabilitação por equipe multiprofissional; Orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa; Atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde; Apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação. Tenho em visto todo o ambarado legal, a língua brasileira de sinais é oficializada sendo a língua utilizada pela comunidade surda, tornando-se um meio legal para se expressa e se comunicar. Sendo assim torna-se essencial que se estabeleça uma conexão na comunicação no atendimento dos surdos pelos profissionais da área da saúde, para que se tenha uma boa compreensão, utilizando de ferramenta na comunicação a libras (Tedesco, Junges, 2017).

Mesmo possuindo sua própria língua, na maioria das vezes são utilizadas outras técnicas de comunicação, pelos profissionais farmacêuticos para atenderem os pacientes surdos, como a mímica ou a escrita, ou até mesmo buscam o auxílio de algum parente ou acompanhante para ajudar a compreender o que o paciente está tentando explicar. Dificilmente vai se encontrar profissionais qualificados com afinidade com a libras (Cardoso, et al., 2016).

O ensino de saúde para os deficientes auditivos é um assunto pouco abordado e não trabalhado, percebemos que os deficientes auditivos são quase leigos a respeito do assunto (Soares et al. 2016).

3.4 O papel do farmacêutico

O farmacêutico clínico atualmente atua diretamente em contato com o paciente visando sempre seu bem-estar, quanto ao uso das medicações de forma adequada sem pôr em risco a sua saúde, buscando um tratamento que melhor se adeque as necessidades dos pacientes, sua família e comunidade. Sendo lhe atribuído analisar prescrições, realizar intervenção no tratamento do paciente, realizar consulta farmacêutica, fazer anamnese dos pacientes, identificar sinais e sintomas, traçar um plano farmacêutico, orientar e monitorar o tratamento (CFF, 2020).

Um dos problemas atuais que mais precisam da orientação farmacêutica é quanto ao uso irracional de medicamentos, onde muitos problemas são desencadeados pelo uso de forma incorreta e abusiva dos medicamentos. O farmacêutico torna-se um grande contribuinte para esse problema de saúde pública tão comum hoje em dia, onde com todo seu conhecimento com fármacos, contribuirá com orientação a respeito dos medicamentos, amenizando os riscos que os mesmos podem vir a causar (Vieira, 2017).

Cabe o farmacêutico aconselhar o paciente e orientar tanto sobre os medicamentos prescrito pelos médicos como os que não são, sua posologia, seus efeitos colaterais, superdosagem e melhor terapia a ser seguida. Essa orientação não deve se limitar apenas ao uso dos medicamentos, mas também a hábitos de vida, como higiene e alimentação, com foco no paciente individual como no coletivo (Silva, et al., 2018).

Araújo et al. (2019) destacam sobre a importância do papel farmacêutico: fica evidente a importância do trabalho do farmacêutico junto à comunidade e a necessidade da atuação efetiva do profissional farmacêutico junto à terapia farmacológica do paciente, tendo em vista o envolvimento atento do farmacêutico na dispensação, bem como sua função educativa, e de valia no suprimento de informações para ao corpo médico.

Para oferecer um atendimento de qualidade, a comunicação é um caminho primordial na orientação e cuidado farmacêutico, ao atender pacientes surdos se tem a responsabilidade de transmitir as informações dos medicamentos na forma de melhor entendimento para o mesmo. Torna-se papel do farmacêutico romper as barreiras linguísticas, com a finalidade de alcançar seus objetivos, prestando atenção farmacêutica a esses pacientes de forma eficaz (Ferguson, Shan, 2016).

Portanto a contribuição de cuidados de saúde está diretamente relacionada uma comunicação adequada entre o farmacêutico e o paciente surdo (Marques, Rodrigues, 2021).

3.5 Consequências a saúde dos surdos a não terem acesso a atenção farmacêutica

Os pacientes surdos ao buscar uma farmácia ou drogaria, não almejam somente tratar seus problemas e sim acolhimento pelos profissionais, recebendo atenção, se sentindo seguros ao expressar suas queixas. Porém, o que ocorre na grande maioria das vezes é um bloqueio na comunicação, pois os pacientes por não utilizam a língua falada e sim a libras e um grande número de profissionais não tem acesso a mesma, tornando o diálogo prejudicado, comprometendo o seu bem estar (Pires, Almeida, 2016).

Os surdos buscam com menos frequências as farmácias, colocando-se em uma posição de risco no que diz respeito ao surgimento de novas doenças, a prevenção e o tratamento necessário para essas enfermidades, recorrendo a outras fontes não confiáveis, podendo agravar mais ainda seu problema de saúde (Yonemotu, Vieira, 2020).

Sobre o uso racional de medicamentos, na maioria das vezes ao procurarem uma farmácia, para compra medicamentos, na consulta com os farmacêuticos, os pacientes limitam-se a entregar o receituário médico, sem muitas delongas durante a verificação da medicação e dispensação do medicamento. Os farmacêuticos por não conseguirem entender corretamente a libras não orientam com tanta clareza as possíveis interações medicamentosas ou alimentares, apenas informando a dose e horário a ser administrados, sendo divergente do preconizado pela Política Nacional de Medicamentos (Henrique, 2017).

Tendo em vista todos os problemas que o pacientes surdos sofrem, devido à dificuldade na comunicação, esses pacientes não estão recebendo o devido acolhimento nestes estabelecimentos de saúde da forma adequada, tornando-se necessário que os profissionais da saúde busquem o aprendizado e compreensão da língua utilizada pelos mesmos, bem como seus hábitos culturais e costumes, amenizando o descaso com esses pacientes na sociedade (Sousa et al., 2017).

4. Resultados e Discussão

Após análise dos artigos, 8 estudos foram selecionados para inclusão neste artigo de revisão. O Quadro 1 apresenta os textos selecionados e sua distribuição por autor, ano, objetivo, desenho de estudo e considerações finais.

Quadro 1 - Principais estudos sobre atenção farmacêutica para pessoas surdas.

AUTOR/ANO	OBJETIVO	DESENHO DO ESTUDO	CONSIDERAÇÕES FINAIS
Hyoguchi et al. (2016).	Identificar experiências de inclusão envolvendo pessoas com surdez no âmbito das práticas de cuidados farmacêuticos.	Revisão Integrativa.	Podemos concluir que existem estudos relevantes sobre a oferta e promoção de cuidados farmacêuticos para pessoas surdas, sendo essas estabelecidas em diferentes cenários.
Henrique (2017).	Identificar, a importância da preparação do farmacêutico clínico durante a graduação e a constante formação para o atendimento de surdos que utilizam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua para a comunicação.	Revisão Narrativa.	Após análise crítica de todo o conteúdo coletado e relatado nesse estudo, foi possível constatar a falta de preparo dos profissionais de saúde, incluindo o farmacêutico no atendimento ao surdo devido às lacunas em sua formação.
Nóbrega, Munguba e Pontes (2017).	Conhecer a percepção do surdo e dos profissionais da saúde no atendimento à saúde pública do surdo e como se dá a comunicação entre eles.	Revisão Bibliográfica	Concluiu-se que a comunicação é essencial para um atendimento de qualidade e precisa ser efetivada com políticas públicas que visem inserir nos planos curriculares das escolas e universidades na área da saúde, na formação técnica e superior, a disciplina Libras. Dessa forma, o surdo será assistido na saúde com respeito à sua identidade e cultura surda, e reconhecido como sujeito de direitos na sua dignidade humana.
Silva, Naves e Vidal (2018).	Demonstrar a importância do uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no atendimento inclusivo na farmácia a pessoas surdas.	Revisão Bibliográfica.	Após o estudo constatou-se que a maioria dos profissionais conhecem a Libras, como a língua do surdo, apesar disso não fazem uso da mesma, mas os profissionais da farmácia conhecem a Libras como um canal importante para ser usado em uma comunicação eficaz, logo um atendimento de qualidade.
Cardoso, Rodrigues e Bachion (2016).	Caracterizar as percepções da pessoa com surdez severa ou profunda sobre o processo de comunicação no contexto do seu atendimento por profissionais de saúde.	Revisão Descritiva.	O surdo não tem alcançado uma comunicação efetiva durante o atendimento de saúde, no qual experimenta sentimentos negativos, necessitando da presença de um profissional intérprete.
Silva e Ribeiro (2020).	Identificação e análise, de maneira sistemática das publicações científicas disponíveis entre os anos de 2009 e 2019 a respeito das principais dificuldades de acesso aos serviços de saúde enfrentadas pela pessoa com deficiência física, auditiva ou visual no Brasil.	Revisão Sistêmica da Literatura.	Conclui-se que o acesso de deficiente físico, auditivo e visual no Brasil é dificultado por uma soma de fatores urbanístico e ambiental, a falta de preparo do profissional de saúde e de serviços de saúde, como também do preconceito.
Pires e Almeida (2016).	Identificar os métodos de comunicação utilizados para atendimento aos Surdos nos serviços de saúde.	Revisão Descritivo e Exploratório.	Se faz necessário que os profissionais utilizem de aspectos supras segmentais para que os Surdos possam ter um suporte no atendimento, portanto sugere-se a necessidade de implantar LIBRAS como disciplina curricular, não sendo optativa, mas obrigatória em todos os cursos de graduação da área de saúde. Diante de relatos verídicos evidenciou-se que os profissionais de saúde estão despreparados para o atendimento de pacientes Surdos.
Yonemotu e Vieira (2020).	Analisou-se a vivência de uma atividade prática de Educação em Saúde com 19 surdos feita por 20 estudantes do primeiro ano de um curso de medicina.	Estudo Experimental Descritivo.	Os surdos ficaram satisfeitos com a interação, relataram preocupação com prevenção e autocuidado e expectativas positivas quanto à formação de médicos humanizados e qualificados para seu atendimento.

Fonte: Autores (2022).

Para Aranha (2016) as abordagens usadas em iniciativas universitárias para promover o aprendizado em língua de sinais têm enfatizado a importância da educação continuada, aprendizado de métodos de comunicação e/ou observações clínicas e avaliações subsequentes para melhorar o conhecimento em linguagem de estudantes de farmácia. Além disso, tais métodos podem ajudar a aumentar a confiança de estudantes e profissionais em medicamentos para surdos e deficientes auditivos (Hyoguchi et al., 2016).

Na percepção de Soares et al. (2016), o atendimento inadequado pode ameaçar a qualidade de vida dessas pessoas, pois a confiança no profissional de saúde fica fragilizada. As barreiras de comunicação geram sentimentos negativos e afastam os surdos dos centros de saúde, pois o medo de não serem compreendidos os obriga a buscar tratamento apenas quando adoecem. Portanto, é importante que o profissional invista em estratégias que facilitem a compreensão e aceitação desses pacientes por meio de uma comunicação eficaz (Henrique, 2017).

Os autores Nóbrega, et al., (2017) constataram por meio de pesquisas que atender usuários surdos de Língua Brasileira de Sinais é um desafio a ser superado. A pesquisa oportunizou aos autores sentir as especificidades da atenção à saúde do surdo para pensar a acessibilidade, o tratamento humanizado e integral e o direito à saúde, considerando a proposta de implementação da Rede de Atenção à Deficiência do SUS. Com isso Araújo et al. (2019) sublinham a importância de uma política que realmente funcione, que leve em consideração as características especiais dos surdos e que garanta efetivamente o direito à saúde reconhecido pela constituição civil.

Baron et al. (2019) destaca a posição da população ouvinte em relação aos surdos, a partir da qual se supõe que por serem minoria, devem ser amplamente atendidos, mas esta não é a realidade, pois em geral os surdos não são valorizados sua individualidade e direitos coletivos, além disso, que os profissionais não estão interessados em adequar e qualificar o público de acordo com as necessidades. No mesmo contexto, também é necessário pensar no atendimento especial das organizações, para lidar com os principais entraves dos surdos no atendimento, para que haja uma melhor comunicação direta entre os representantes das organizações e parceiros com os surdos. Isso incentiva mais vendas de produtos e serviços, pois é possível se comunicar com ouvintes e surdos (Silva, et al., 2018).

Conforme Cardoso, et al., (2016), outra emoção mencionada por surdos foi o sofrimento (um surdo sofre) porque se sentiram discriminados em nossa sociedade, onde a maioria é ouvinte, e a falta de um intérprete quando precisaram de ajuda. Para Santana et al. (2019) os surdos precisam de profissionais que aceitem sua condição, pois não devem discriminá-los e permanecer indiferentes. As pessoas com deficiência auditiva querem ser tratadas como cidadãos e como parte integrante da sociedade.

Na visão de Silva e Ribeiro (2020) os surdos podem, de fato, usar gestos e expressões dolorosas que não pertencem à Língua Brasileira de Sinais, mas que são geralmente compreendidas pelos surdos, para indicar o local e o tipo de dor. O português pode ser escrito como quiser, mas a estrutura gramatical é diferente da dos surdos. Assim, o profissional deve buscar pacientemente entender o que o surdo deseja expressar, para que ele não procure os serviços de saúde apenas em caráter de urgência, mas tenha acesso à universalidade, igualdade e integralidade, como sugerem os princípios doutrinários do SUS.

Segundo Pires e Almeida (2016), de acordo com os relatos dos participantes do artigo pesquisado, eles puderam identificar que existem dificuldades na prestação de cuidados de saúde de qualidade, como falta de comunicação e bloqueio e falta de capacitação dos profissionais de saúde. Essas dificuldades prejudicam a relação entre profissionais e surdos, onde o cuidado compromete a necessidade de mediação do parceiro, o que priva o deficiente auditivo de seu direito à individualidade no atendimento.

Sob o mesmo ponto de vista, Yonemotu e Vieira (2020) explanam a aquisição do idioma de sinais é essencial para essa população, pois quando seres humanos restabelecido seres sociais quando necessitam de recíproca plena com uma comunidade conversável específica. Os surdos, por viverem numa instituição hegemonicamente ouvinte, acabam por desenvolver uma

compatibilidade fluante, não se encaixa com saúde nem numa cultura, nem na outra, sendo assim, vivem situações de distinção e isolamento, podendo desenvolver transtornos de ordem emocional.

5. Considerações Finais

Este estudo bibliográfico possibilitou compreender a atenção farmacêutica para as pessoas surdas, e ficou claro que ambos consideram a comunicação libras o maior entrave para um atendimento integral e humanizado. A comunicação é definida como enviar uma mensagem e possivelmente receber outra mensagem em resposta, o que é necessário em um ambiente farmacêutico.

Foi demonstrado que, segundo profissionais, o uso de Libras no atendimento seria a melhor forma de comunicação entre atendentes (ouvinte) e cliente (surdo), ou seja, isso mostra a importância do uso de Libras no cuidado participativo nas farmácias para pessoas surdas. Além disso, promoveria a acessibilidade desse nicho ao oferecer um serviço diferenciado que atendesse às necessidades e expectativas de seus clientes.

Por fim, conclui-se que as percepções dos surdos e dos farmacêuticos mostraram que a saúde dos surdos precisa ser repensada em uma perspectiva inclusiva para valorizar a identidade e a cultura surda, reconhecendo e utilizando a língua de sinais - Libras na comunicação. E isso só é possível se estiver incluído nos currículos de todos os cursos, tanto superiores quanto profissionais, e se for oferecido em cursos de formação continuada para auxiliar os profissionais já formados. Tudo passa pela educação em seu sentido mais amplo.

Com efeito, os autores recomendam que sejam realizados outros estudos sobre esta temática, que permitam alargar a compreensão da acessibilidade do cliente/paciente surdo; incentivar as empresas a reconhecer a cultura surda e valorizar a Libras como forma de comunicação com pessoas surdas; e criar as condições para que este grupo satisfaça as suas necessidades enquanto cliente.

Agradecimentos

Agradecemos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste artigo.

Referências

- Aranha, M. S. F. (2016). *Educação inclusiva: transformação social ou retórica?* ¹. Inclusão: intenção e realidade, 37. https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=vTx7EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA37&dq=Aranha,+Salete,+2003&ots=jHS2VynuiV&sig=CbN7Q3oVuI9IMtueC_ZewVLXmpk#v=onepage&q=Aranha%20Salete%20202003&f=false
- Araújo, D. C. S. A., Santos, J. S., Cunha B. I. M., Cavaco, A. M. N., Mesquita, A. R., & de Lyra, D. P. (2019). A língua de sinais no ensino de farmácia no Brasil. *American Journal of Pharmaceutical Education*, 83 (8). file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/1313-Texto%20do%20artigo-7101-1-10-20210628%20(1).pdf.
- Baron, M. V., Koepf, J., Costa, B. E. P., & Nerys, F. (2019). Dificuldades na consulta clínica e nutricional de surdos no Brasil: revisão de literatura. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo*. https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17606/2/Dificuldades_na_consulta_clinica_e_nutricional_de_surdos_no_Brasil_revisao_de_literatura.pdf.
- Brasil, I. B. G. E. (2022). Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. Censo demográfico, 2022. <https://www.ibge.gov.br/noticia/?23/09/2021/dia-internacional-dalinguagem-desinais-procurar-promover-inclusao-de-pessoas-surdas#:~:text=No%20pa%C3%ADs%20cerca%20de%205,7%20milh%C3%B5es%20n%C3%A3o%20ouvem%20nada>.
- Cardoso, A. H. A., Rodrigues, K. G., & Bachion, M. M. (2016). Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14, 553-560. <https://www.scielo.br/j/rlae/a/p5jqym3LKHPTLd7VDFfnhZL/abstract/?lang=pt>.
- Chong, E. Y. C., Palanisamy, U. D., & Jacob, S. A. (2019). Um estudo qualitativo sobre o design e desenvolvimento de um aplicativo mHealth para facilitar a comunicação com a comunidade surda: perspectiva de farmacêuticos comunitários. *Preferência e adesão do paciente*, 13, 195. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6350831/>.
- Ferguson, M. C., & Shan, L. (2016). Pesquisa de avaliação da prática farmacêutica envolvendo pacientes surdos. *Jornal de prática de farmácia*, 29 (5), 461-466. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0897190014568379>.

França, C., & Andrade, L. G. (2021). Atuação do Farmacêutico na Assistência à Saúde em Farmácias Comunitárias. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(9), 398-413. <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/2223>.

Henriques, M. S. (2017). Comunicação e estratégias de mobilização social. *Autêntica*. https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oR8vDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT25&dq=Henrique+et+al.+2017&ots=qWnWQIjIkG&sig=T24_TLpC7M-nTXI8JBHwCKt2-c#v=onepage&q&f=false.

Hyoguchi, N., Yoshida, R., Ogura, H., Yamasaki, H., Tanaka, T., & Kubota, T. (2022). Comparação no Reconhecimento sobre Educação Medicamentosa entre Pessoas com Deficiência Auditiva Pré-lingual e Farmacêuticos. *Yakugaku Zasshi: Jornal da Sociedade Farmacêutica do Japão*, 142 (2), 181-188. <https://europepmc.org/article/med/35110454>.

Kauchakje, S. (2017). Comunidade surda: as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. *Cidadania, Surdez e linguagem*. São Paulo: Plexus Editora, 57-76.

Marques, L. A. M., & Rodrigues, A. C. S. (2021). Formação de farmacêuticos para atendimento aos surdos: libras e o princípio da universalidade. *Revista Farmácia Generalista/Generalist Pharmacy Journal*, 3(1), 62-76. <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/revistafarmacigeneralista/article/view/1313>.

Nóbrega, J. D., Munguba, M. C., & Pontes, R. J. S. (2017). Atenção à saúde e surdez: desafios para implantação da rede de cuidados à pessoa com deficiência. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 30(3). <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/6176>.

Oliveira, W. A., Silva, J. L., Sampaio, J. M. C., & Silva, M. A. I. (2017). Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciência e Saúde Coletiva*, 22(5), 1553-1564. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.09802015>.

Pires, H. F., & Almeida, M. A. P. T. (2016). A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 5(1). <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/912>.

Santana, D. P. H., Taveira, J. D. C. F., de Leão, A. M., & Eduardo, N. (2019). A importância da atenção farmacêutica na prevenção de problemas de saúde. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, 2(Esp. 1), 59-60. <https://revistasfasesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/235>.

Silva, E. V., Naves, J. D. O. S., & Vidal, J. (2018). O papel do farmacêutico comunitário no aconselhamento ao paciente. *CFE*. http://www.farmacuticos.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/67/057a064_farmacoterapeutica.pdf.

Silva, G. H. D. S., & Ribeiro, J. A. D. S. (2020). Dificuldades de acesso ao serviço de saúde no Brasil por pessoas com deficiência física, auditiva e visual: uma revisão sistemática. *UFG*. <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/19403>.

Soares, L., Farias, M. R., Leite, S. N., Campese, M., & Manzini, F. (2016). Assistência Farmacêutica no Brasil-Política, Gestão e Clínica Vol. V. *UFSC*. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187553>.

Soterio, K. A., & dos Santos, M. A. (2016). A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Revista da Graduação*, 9(2). <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20https://www.scimagojr.com/index.php/graduacao/article/view/25673>.

Sousa, L. M. M., Marques-Vieira, C. M. A., Severino, S. S. P., & Antunes, A. V. (2017). *A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem*. N°21 Série 2-Novembro 2017, 17. <http://www.sinaisvitalis.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17>.

Tedesco, J. D. R., & Junges, J. R. (2017). Desafios da prática do acolhimento de surdos na atenção primária. *Cadernos de Saúde Pública*, 29, 1685-1689. <https://www.scielo.br/j/csp/a/5Y3x8GJpdRBzmfFwdMWTdDc/abstract/?lang=pt>.

União, D. O. Conselho Federal de Farmácia Resolução CFF N° 680, de 20 de fevereiro DE 2020. <http://www.cremesp.org.br/?siteAcao=PesquisaLegislacao&dif=s&ficha=1&id=16580&tipo=RESOLU%C7%C3O&orgao=Conselho%20Federal%20de%20Farm%C3%A1cia&numero=680&situacao=VIGENTE&data=20-02-2020>.

Vieira, F. S. (2017). Possibilidades de contribuição do farmacêutico para a promoção da saúde. *Ciência & saúde coletiva*, 12, 213-220. https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v12n1/20.pdf.

Yonemotu, B. P. R., & Vieira, C. M. (2020). Diversidade e comunicação: percepções de surdos sobre atividade de educação em saúde realizada por estudantes de medicina. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 14(2). <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/receis/article/view/1827>.